

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA: UMA ABORDAGEM SOCIAL PSICOPEDAGÓGICA

Mariana Adelino Dantas¹, Aline Carvalho de Almeida²

¹Graduanda em Psicopedagogia

²Doutoranda em Psicologia Social

Universidade Federal da Paraíba

Introdução

A demanda de leitura e escrita está muito presente na educação tendo em vista que as escolas brasileiras com métodos tradicionais não estão preparadas para receber alunos com um contexto social e cultural fortemente agregado à periferia e que muitas vezes o maior fator é a desmotivação para o aprender. A alfabetização de um aprendente serve para que o mesmo seja um leitor e possa ter poder crítico sobre o que ler. A leitura se divide em dois processos sendo o mais básico a decodificação e o mais complexo a compreensão.

Algumas das mais importantes competências relacionadas à decodificação referem-se à consciência fonológica, à memória de trabalho e à nomeação automatizada rápida. (Capellini, Ferreira, Salgado, & Ciasca, 2007; Correa & Mousinho, 2013). A consciência fonológica é a habilidade metalinguística que permite a segmentação da fala em unidades discretas e sua manipulação intencional (Cunha & Capellini, 2009). É de fundamental importância para a formação de um leitor a compreensão, para que o mesmo seja crítico, contribua com seu enriquecimento pessoal e coletivo.

Segundo Candido (1972), a leitura exerce as funções psicológica, formadora e social. Nessa corrente de pensamento está presente o princípio de que a literatura não está a serviço de modelos estabelecidos por muitas escolas de ensino médio, cuja valorização da vida e da obra do autor é instituída como base do ensino de literatura, não considerando a relação do leitor com o texto no ato da recepção.

Trabalhando com a abordagem humanista rogeriana na educação, sabe-se que a relação entre professor e aluno deve caminhar para um aprendizado significativo. Para Rogers (1986), ensinar é mais do que transmitir conhecimento. É despertar a curiosidade do aprendente, e buscar a partir da sua potencialidade trabalhar o desconhecido.

Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho é construir uma aprendizagem significativa com alunos do sétimo ano de uma escola tradicional pública de João Pessoa. Os

alunos em sua maioria são de uma comunidade periférica da cidade, estão no 7º ano, apresentam idades variando entre 12 a 18 anos e têm dificuldades no processo de leitura e escrita, socialização e comportamento.

Paulo Freire (1996) questiona o motivo de não se estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos. Questiona também o por que de não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade bem como a ética de classe embutida neste descaso. Para educadores reacionariamente pragmáticos, a escola nada tem a ver com essa relação. Cabe à escola apenas ensinar conteúdos.

Sabendo que a maior parte dos alunos é da periferia, deu-se início a um trabalho de aprendizagem levando em consideração o contexto vivenciado por muitos. Os planejamentos foram montados pensando na aproximação da estagiária com os aprendentes a fim de manter uma melhor relação, e conseqüentemente pensando no planejamento escolar trabalhado na disciplina de português e nas dificuldades mencionadas pela professora.

A intervenção psicopedagógica direcionada às demandas supracitadas se dá através de estratégias que visam trazer vivências do próprio contexto social dos alunos como o hip hop (que trabalha rima, métrica e memória), o grafite (que explora a motricidade e a criatividade), o trabalho de temáticas de drogas e criminalidade, feminismo e machismo juntamente com a produção textual e debates para a formação de pensamento crítico.

Método

Participantes

O trabalho se dá com participantes da Escola Estadual Alice Carneiro em João Pessoa com 25 alunos do 7º ano do ensino fundamental II, entre eles um autista com comorbidade de TDAH.

Procedimento

O trabalho se deu início a partir do contrato com a Escola Estadual Alice Carneiro para continuidade do estágio supervisionado de psicopedagogia. No primeiro encontro foi realizada a apresentação da estagiária e feita uma dinâmica sobre planejamento de sonhos para se trabalhar objetivos e metas. Foi entregue bexigas para cada aluno e pediu-se para que escrevessem em um papel seus sonhos. Após isso, eles encheram as bexigas e trocaram com

amigos para estourar e ler os sonhos dos outros. Na leitura, a proposta era elaborar metas para se alcançar o objetivo do colega, porém a turma não tinha muita interação e estava muito agitada.

No segundo encontro foi realizada uma oficina de rap para trabalhar rima – que se faz presente no princípio básico da consciência fonológica. Reconhecer rima e aliteração significa reconhecer categorias. Palavras que se iniciam com o mesmo som e ou grupos de som e apresentam aliteração. Então foi feito o convite para três rappers para guiarem uma oficina de rima na escola.

Na terceira visita a escola, a estagiária decidiu trabalhar feminismo com a turma do 7ºano. Separou os grupos das meninas e dos meninos e foi para um ambiente fora da sala de aula para ficarem mais à vontade. Foi questionado primeiro as meninas se conheciam o termo “feminismo”. Percebeu-se que sim, a maioria conhecia o conceito, conhecia a luta de gênero e igualdade de direitos. Após isso, foi questionado quem já sofreu assédio. Se abriu uma discussão sobre o poder de dizer não, o empoderamento da mulher, os direitos trabalhistas e igualdade de gênero.

Resultados e Discussões

O estágio supervisionado na instituição serve para que o estudante de psicopedagogia consiga planejar métodos interventivos para uma determinada demanda. No presente caso, a estagiária decidiu intervir em situações que trabalhem debates psicossociais no contexto escolar, não esquecendo a demanda leitura e escrita. Foi trabalhado o rap, em uma oficina com três mediadores da cena, simulando uma batalha para estimular a improvisação dos alunos sabendo que na capacidade da consciência fonológica um dos níveis alcançados é a rima. A batalha consistia em rimas de quatro linhas exigindo métrica e ritmo. Realizada no auditório, contou com a presença de alunos do 7º, 9º e 2ºano do ensino médio.

Na própria oficina se foi discutido questões como criminalidade, bullying, depressão, respeito e drogas e como a cultura do hip hop pode ser um escape para tudo isso e a prática do escrever ajuda nessas questões. Ao fim, os alunos mostraram suas criações, suas músicas, poemas, rimas, e desabafos para que todos presentes pudessem ouvir.

Paulo Freire (1996) afirma que a tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado.

O pensar certo por isso é dialógico e não polêmico. Ou seja, é necessário trabalhar temáticas que são polêmicas a senso comum, mas que são facilmente dialogadas com pessoas que vivem num contexto em que se inserem essas temáticas.

Foi trabalhado também com grupo de meninas e meninos separadamente questões como feminismo, sabendo que o machismo é enraizado culturalmente principalmente nas regiões de periferia. De acordo com Drumond (1980) o machismo constitui-se por uma representação - dominação que utiliza o argumento sexo, mistificando assim a relação entre homem e mulher, reduzindo-os a sexos hierarquizados, divididos em polo dominante que se confirmam mutuamente em numa situação de objetos.

Então se debateu questões de assédio, do que se é ensinado sobre o que é ser mulher na sociedade e questionado o papel do feminismo na vida delas. A maior parte das alunas já possuía uma vaga ideia sobre o movimento feminista, e muitas relataram ter sofrido assédio. A estagiária pediu que redigissem um texto de quinze linhas respondendo às seguintes perguntas:

1. O que é ser mulher para mim?
2. Como me vejo?
3. Como acho que os outros me veem?
4. Como gostaria de ser vista.

O mesmo debate foi realizado com os meninos agora invertendo algumas perguntas como “O que é ser homem para você?”. Antes de dar início ao debate, foi colocada a música Relicário do cantor de rap Menestrel para todos escutarem e fazer um link com o debate. Muitos atrelaram a resposta da pergunta feita à palavra respeito. Porém, quando se começou a discussão sobre o respeito a mulher, ao homossexual, ao próprio negro (levando em consideração que boa parte dos alunos são negros), notou-se uma certa resistência justamente por uma educação familiar despreparada sobre a temática e uma cultura machista enraizada nos homens. Poucos alunos estiveram dispostos a debater a temática do machismo, mas os que se dispuseram fizeram a atividade igualmente ao grupo das meninas com as seguintes perguntas:

1. O que é ser homem para mim?
2. Como me vejo?
3. Como acho que os outros me veem?
4. Como gostaria de ser vista.

Todas as atividades planejadas até o presente momento visam trabalhar sempre alguma questão que possa direta ou indiretamente colaborar com a leitura e escrita, visando também extrair vivências do contexto social dos adolescentes presentes. É perceptível o impacto das experiências realizadas com os estudantes, da satisfação em conversar sobre temáticas das quais não são tratadas em sala de aula, da oportunidade de expor seus pensamentos para os colegas, e de possuir uma forma de aprender diferente.

Conclusão:

O estágio Supervisionado continua em andamento com planejamentos de intervenções de grafite, oficinas de dança de rua, dia do sarau poético, entre outras atividades sujeitas a modificações. Todos os planos de trabalho visam exercer sempre alguma questão que possa direta ou indiretamente colaborar com a escrita e a leitura, propondo também extrair vivências do contexto social dos adolescentes presentes. Em suma, diante do que já foi exposto, o estágio institucional se dá início no quarto período do curso e no quinto vem sua segunda parte com os planejamentos de intervenção. É de grande importância para que o discente tenha uma formação prática numa escola para atuar como psicopedagogo sabendo escolher as demandas, atuando com a equipe pedagógica e buscando intervir para uma solução. É notório que na turma atuante do 7º ano do caso citado não se poderia atuar de forma tradicional tendo consciência que são alunos de idades diferentes, de um contexto social de periferia e com dificuldades de aprendizagem distintas. Portanto, a escolha de trabalhar de forma significativa tem dado muito certo, buscando atingir a motivação dos aprendentes e o pensamento crítico dos mesmos.

Bibliografia

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: Ciência e cultura. São Paulo: vol. 24, nº 9, setembro, 1972

CAPELLINE, S. A., FERREIRA, T. L., SALGADO, C. A., & CIASCA, S. M. (2007). Desempenho de escolares bons leitores, com dislexia e com transtorno do déficit de atenção e hiperatividade em nomeação automática rápida. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 12, 114-119.

CUNHA, V. L. O. & CAPELLINE, S. A. (2009). PROHMELE: Provas de habilidade metalinguísticas e de leitura. Rio de Janeiro: Revinter

DRUMONT, M.P. Essai d'interprétation sociologique du "machismo" au Nord-est du Brésil. Universidade Católica de Louvain, Louvain, Bélgica, 1970.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25 ed. Rio de Janeiro - RJ: Editora Paz e Terra S/A, 2002. 15-17 p.

ROGERS, Calrs R. *"Liberdade de aprender em nossa década"*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.